

eia

... não
penas
todo
alma.
mais». E
como
ão de
es, de
5.478,
nezes,
3338,
0\$ de
osé de
nante
s mi-
amor!
te pe-
os po-
Pás-
Pe-
le de
ão de
mais
ência
nante
es pe-
i Pai
so do
eles». Confe-
enviar
reli-
e ora-
ciscas-
spital,
20\$.
m dos
-pro-
e. Sou
que,
au na
i sub-
óxima
enhora
ra em
stá um
i. lida
ente a
impos-
de. O
Júnior

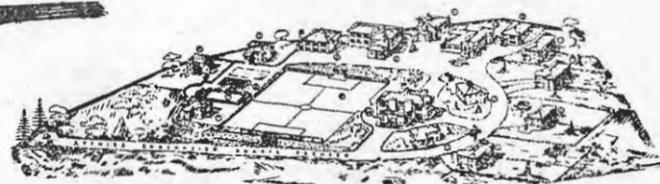
tendes

al

úmero
» de
uém». a Avé
dum
es do
as do
uís de
«É o
acriff-
dia 16
ouvi-
do ar-
ção de
Quem
de ju-
neste
mente
edores
dera
uesa a
rapa-
gam o
Acílio
nsura



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 374 — Preço 1\$00
12 DE JULHO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

As experiências de dois famosos viandantes

Era já noite alta quando chegamos ao Lorvão e o soberbo mosteiro emergia agora das sombras em silêncio, magestoso, numa agonia de séculos. Na camionete que de Coimbra nos trouxera à Rebordosa, um amável viandante informou que dali ao lugar seriam uns dois quilómetros e meio, mas eu cuidei que ele teria sido mais exacto se, em vez de quilómetros, houvesse dito léguas; pois que, tendo largado a estrada por volta das sete horas da tarde, quiseram os fados que sofréssemos amargas experiências aonde bem pudéramos ter colhido as mais gratas impressões, se o tempo fora mais largo e a distância mais curta.

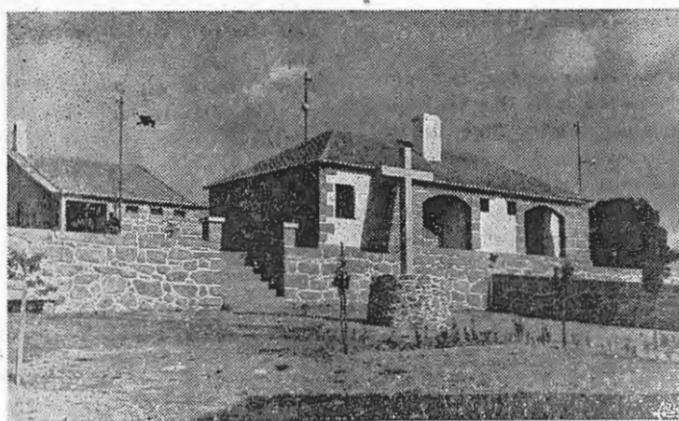
O Rev.º Prior da Freguesia, à porta de quem batemos a horas desusadas, recebeu-nos numa grande exclamação de espanto e alegria, e,

com um melão que levávamos e uns ovos fritos que ele nos deu, fizemos uma ceia deliciosa, regalada.

Assim terminamos a primeira aventura do primeiro dia, em duas camas muito grandes nuns quartos muito pequenos.

Fica numa pequena encosta, sobranceira ao mosteiro, a casita do nosso bom Prior; e eu sozinho, da janela do quarto, tive uma das visões mais felizes da minha vida: a lua tinha subido, clara, silenciosa; iluminava agora o dorso de todos aqueles montes que escorregam até ao fundo—suaves, vestidos de verde—lindíssimos; e foi então que eu vi pela primeira vez uma das alas do gigante, a olhar a lua, cansado de sofrer as torturas do tempo e dos homens.

Uma aragem fresca.
— Cont. na 4.ª página



Aqui, Viseu. Não foi esquecido um pormenor! Até o cruzeiro. Que beleza! A sombra da Cruz os Pobres têm casa. Mais beleza!

Não pretendemos descrever a vida do Património, pois, porque é vida, tem muitas facetas que nunca chegamos a conhecer. E há manifestações dessa vida que, descrevê-las, seria profanar.

que não pára. E eu acho bem. Vendas Novas esteve outra vez em festa com a presença de seus Prelados e com a alegria dos Pobres. A cidade de Évora começou e vai em bom andamento. Redon-

Património dos Pobres

O Património dos Pobres é uma obra projectada e realizada pelo amor. Se o não fosse, já tinha fallado. Onde começou, sem esta nota, não germinou.

Nas reuniões tão familiares e tão cristãs que são as festas da entrega de casas por Portugal fora, ficamos cada vez mais com esta impressão. Onde se começou com este verdadeiro espírito transpõem-se todas as dificuldades.

A verdadeira caridade não conhece barreiras. A única barreira é a vontade falhada do homem. Aparecem terrenos, há dinheiro, as autoridades apoiam, todos colaboram.

A nota que faz mover tudo é a verdadeira necessidade do Pobre que é amado pelo seu semelhante.

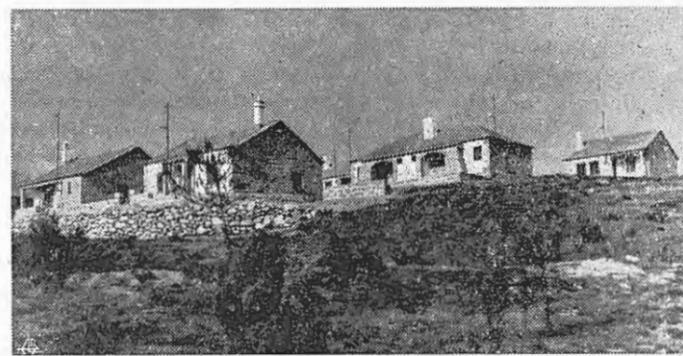
Os testemunhos que trazemos das nossas visitas às terras aonde trabalham, são testemunhos escaldantes de heroicidade. O povo comove-se e louva o Pai do Céu. As cartas dos Párocos são explosões de grandeza.

Nas freguesias onde começou a fogueira, o fogo cada vez toma mais altura e saem fagulhas a pegar às terras vizinhas.

Cheguei agora mesmo de Alhos Vedros, aonde ontem à tardinha foi a primeira entrega. Foi oferta dos Funcionários da Junta Nacional da Cortiça. Já não foi esta a primeira. Há quatro anos que a lista corre por ali mensalmente. Quantas gotas de suor! Quantas renúncias de que só Deus deu conta! E a revolução continua, assim o afirmaram.

Em Setúbal, Padre Acílio não esteve com meias medidas e vai com duas em acabamento e diz

do, por causa da burocracia, só agora começou a subir. Aviz continua a trabalhar. Alpiarça reuniu-se na mesma alegria festiva e entregou no domingo passado as suas primeiras.



Casas airoas. Janelas rasgadas. Sol. Ar. Muita luz. Lareira acesa. Caldo. Boroa. Paz de Cristo.

Minde tem duas prontas e duas a aprontar. Estive lá, pedi que dêem as mãos e se bastem para resolver o problema dos seus

povo compreende e ajuda. Não se podia esperar outra coisa dum povo beirão e crente.

Padre Horácio

UMA CARTA

Seminário Maior de — 13 de Junho de 1958

Snr. Padre Carlos! Neste recanto de Portugal há um número cada vez maior de rapazes entusiasmados com o ideal de vida dos Padres da Rua. É que ele é um convite; o exemplo arrasta...

...Não posso passar sem dizer mais alguma coisa—perdoe-me o tempo que lhe roubo.

De hoje a um mês—querendo Deus—direi para sempre adeus aos enganos e seduções do mundo e entregar-me-ei alegremente nos braços d'Aquela que é o nosso conforto e a nossa esperança. Serei subdiácono!

Ao aproximar-se o grande dia, seria ingratidão da minha parte, não manifestar aos Padres da Rua a minha profunda gratidão pela influência, tão nítida, que tiveram na minha decisão final.

Foi no dia em que tive a dita de ler o 1.º Famoso que compreendi perfeitamente o que tinha sido o meu viver e o que importava fosse para o futuro.

Um padre mediano? um padre qualquer? Não. O meu irrequietismo não permitiria tal. Retroceder? Avançar? Os números que se seguiram abalaram-me profundamente e levaram-me ao verdadeiro caminho.

Pai Américo! Não o duvido; sou daqueles que tu amparaste e protegeste lá do alto!



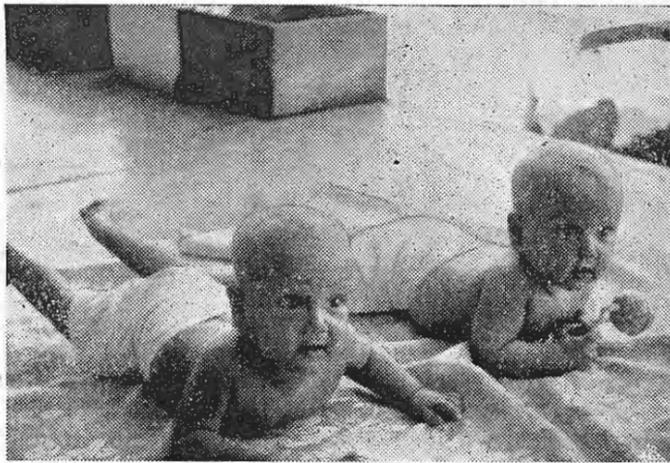
Aqui, LISBOA!

Denegridas ao sabor inclemente das estações do ano, as barracas da Curraleira são hoje miradas e remiradas por todas as camadas sociais. Os próprios turistas, ávidos de novidades e sensação, ali são conduzidos frequentemente a contemplar um recanto característico da nossa urbe.

Embora o problema da habitação seja mundial e signifique sobretudo a ausencia do Homem, mormente do desprotegi-

do, no pensamento de quem rege e orienta, aqui resalta um habitat tão depauperado de condições de vida humana, que fere as sensibilidades mais endurecidas. Almas nobres e sãs, que se adivinham por detrás da afabilidade com que recebem os peregrinos, estão prestes a perder o sentido das alturas com a opressão demasiada da miséria. E esta constitui a impressão mais dolorosa! O pão de cada

(Cont. na pág. três)



Américo e Carlos, o primeiro par de gémeos da Avó — Obra da Rua

A família continua a crescer. Ainda há dias, mais dois que foram nossos, deram o grande passo da fundação do seu Lar. Deus guarde o Lourenço e o «Malaiá» e nunca os deixe sós ao leme das suas barcas.

Por sua vez, José Teixeira, o antigo «Ferramentas», faz os últimos preparativos.

Agora é de África, Carlos Gonçalves quem dá notícias dos seus gémeos e das promessas pa-

Quantas vezes Pai Américo recomendava aos que partiam o seu dever de abrir lugar a outros, primeiro com o seu porte, cujo crédito se refletiria sobre todos os rapazes da Casa do Gaiato; mas mesmo por uma procura activa de trabalho para outros, que aqui pouco mais podem que ir vegetando... Poucos, porém, es-

cutaram. Um viva, pois, ao Zé Maria Saraiva.

tos acontecimentos! Eu agora até já nem me lembro de todos, mas aqui dou notícia de dois mais importantes. Um muito agradável: a visita do Mendonça, que foi do Tojal.

Mendonça era um rapaz difícil, mas tinha qualidades. Um dia zangou-se e saiu. Foi viver com a mãe e trabalhar de marceneiro. A princípio amargou muito. Ele sabia pouco do ofício. Cá fora exige-se bastante. O seu feitiço autoritário... Tudo se conjugava para lhe tornar a vida difícil. Mas ele acabou por vencer na medida em que se foi vencendo. Hoje é um rapaz de 24 anos, simpático e sabedor da sua arte. De bem com o patrão, deixou o emprego e pôs uma pequenina oficina, ali para Campolide. Está principiando vida.

Quando os nossos leitores lisboetas precisarem de um marceneiro, já sabem: Perguntam para o Lar de Lisboa, ou para o Tojal e ele aí vai tomar conta de qualquer trabalho.

x x x

O outro acontecimento é triste, embora provocasse o riso em

Chales de Ordins

O êxodo das populações rurais para a cidade, à procura de melhores condições de vida é um grande mal, tantas vezes uma miragem enganadora. A cidade não tem condições de habitação para tanta gente que lhe bate à porta. Nem o povo humilde e inexperiente das aldeias está preparado para sofrer o choque violento com os costumes citadinos. As modas provocantes. O cinema, grande escola de despudor, adultérios e crimes. A falta da prática religiosa de tantos. A prostituição organizada, a apodrecer almas e corpos e a enfraquecer os laços da família. O ambiente fabril, com duas poderosas armadilhas, o comunismo e a imoralidade.

Se estes aspectos da vida citadina não são únicos, o certo é que os há a aliciar e prender as gentes simples vindas do campo. Daqui se infere que fixar ao meio rural os seus habitantes é livrá-los de graves perigos. Urge, porém, ir ao encontro dos seus justos anseios.

Pena é que a procura dos «chales de Ordins» não se mantenha com a mesma intensidade, durante todo o ano. Tal permitiria viverem estas pobres num nível económico, sem sentirem a fascinação da cidade.

Tem-se procurado que as tecedeiras, ocupando o tempo livre, tratem do seu jardim e do embelezamento da sua casa. Já o ano passado se organizou um concurso de jardins entre elas. Bastantes não corresponderam, então, à chamada. Era uma novidade. Há sempre relutância perante aquilo que nos vem sacudir da preguiça. Neste ano repetiu-se a tentativa e poucas já foram as que não se interessaram. Escolheram o dia 22 de Junho. Parecia «dia de compasso». Soalhos lavados, tudo arrumado, florido. Ar de festa. Foram seis as tecedeiras premiadas, pelas quais se distribuiu 19 peças de roupa, havidas da «Caritas». Gosto de dar aos pobres, mas estimulando-os ao trabalho. Foi só por isso que se guardou para agora o valioso e apreciado donativo da «Caritas».

Estas linhas estão a ser escritas junto do local para a futura Casa das Tecedeiras. Ele pedreiros. Ele raparigas. Ele crianças. Tudo trabalha. Não obstante ser

tempo de muito que fazer na lavoura, há boas vontades, há entusiasmo. A jaculatória «Jesus Misericordioso, rogai por nós» não deixou dormir socegado alguém aqui, a quem se lhe pediu generosidade e acabou por abrir as mãos. O correio foi-me trazendo: da Beira (Moçambique) 50\$, de Cubal (Angola) «Uma Figueiroense», cumprindo uma promessa, 50 ang. Caldas da Rainha, há que tempos ausente destas colunas, aparece com 100. É uma professora que reparte o tempo com os pobres, vivendo os seus problemas. Dum Médico amigo, grande filatelista, metade. E não se diz donde me veio um divã para o Consultório Médico. Nem donde um postal a dizer: «Sim, senhor. Logo que possa irá o fogão. Tem 80 centímetros. Não é lá por isso muito grande, mas dá para uma sopita e os pobres. Não desanimes». O desânimo não é de cristãos. Não desanimo. Pôs Deus nas almas fontes de caridade inexauríveis. Confio em Deus.

Os chales continuam a ser procurados. Aqui vão o Estoril e Arouca; Carvalhos, Enxabarda e Penamacor. Alandroal vem por três. Castelo Branco segue com dois. O Porto com outros tantos.

Matorinhos, Avelar, Óbidos e V. N. de Tazem procuram-nos. Miranda do Corvo deu-nos que fazer. O freguez mensal, certinho, de Lisboa, tem cumprido. Na verdade, vem sempre pelo «chale da caridade». Alguém dos C. T. T. do 3.º Sector de Encomendas postais de Lisboa escreve: «Foi uma alma boa que se lembrou que se fizéssemos a compra aí ajudaríamos essa bela obra e ao mesmo tempo ajudaríamos uma mãe aflita». Com esta deve acontecer o mesmo que a outra da Capital: «Já dei o chale a um bebé pobrezinho cuja mãe ficou radiante».

Palavras de benção chegam de Queluz: «Que o Senhor da Vila abençoe as vossas tecedeiras». Subscree-se «irmão em Cristo» e mostra-o pela sua ajuda fraterna: Coimbra vem por dois, com palavras de heroísmo: «não pode ser antes, visto ser dinheiro junto aos pouquitos». São assim os Pobres. Aparecem, sabe Deus com que sacrifício.

O Hospital da Nazaré, há muito — Cont. na pág. 3

VISTAS DE DENTRO

ra breve: «Os meus filhos cada vez mais crescidos e gordos. Fizeram oito meses e pesam à volta de nove quilos. Todas as pessoas dizem que estão muito bons. Daqui a três meses serei novamente pai. Espero que venha uma menina. No entanto, se isso não suceder, ficarei na mesma satisfeito.»

x x x

Mais África. É o Zé Maria Saraiva, que foi o «Carrapato» na Casa de Miranda e depois o Zé Maria no Lar de S. João da Madeira e hoje trabalha em Pambos de Sonhe.

Zé Maria foi há poucos meses. Já mandou as suas impressões: «Estou numa região muito fértil em café. É no norte de Angola, próximo da cidade de Uige. O negócio do meu tio é o café. Eu tomo conta do armazém enquanto ele anda por fora. Isto agora vai custar um pouco, mas depressa me aclimaterei. É precisamente o que o Snr. Padre Carlos me disse. Mas não importa. Eu tenho que aproveitar esta oportunidade de conseguir alguma coisa. Vontade não me falta.»

Ora o Zé Maria foi chamado por uns tios que lá tem. Não foi a Obra que lhe arranhou o emprego. Mas nem por isso ele esquece os irmãos que cá ficaram. Anda por lá, activo, procurando rúmos e ei-lo, com dois meses de África, a escrever ao Bonifácio: «Por afazeres profissionais desloquei-me a Vila Salazar, onde tenho um bom Amigo. Aqui, por intermédio desse bondoso padre sabe que uma empresa necessitava de um rapaz que fosse bom dactilógrafo e soubesse alguma coisa de contabilidade. Ora eu lembrei-me logo de ti.

Tudo o que posso fazer por ti não é mais do que a retribuição do que fizeste por mim.

Alegra-te com esta notícia e pede a Deus que ela se concretize».

Tem sido para aí campeonatos e mais campeonatos das mais diversas modalidades. Eu não falo dos jogos do Grupo Desportivo, que é o «melhor do mundo» nos gargarejos do Daniel... ele que ainda há dias apanhou só 7-1. Só!! Não falo desses, mas dos campeonatos internos, de ping-pong, hoquei em campo ou futebol. Estes têm o alto patrocínio e a preciosa intervenção do Snr. Padre Manuel.

Ainda hoje ao meio-dia, ele chegou à mesa um bocadito atrasado. Eu vi um metalzito a brilhar em cima da sua mesa. Era o apito. Os rapazes, que tinham começado a refeição e terminado mais cedo, mandaram recado. Padre Manuel enguliu à pressa o derradeiro bocado, pediu licença e lá se foi correndo até ao parque desportivo.

Depois não quer que lhe chamem Director Geral dos Desportos da Casa do Gaiato!...

x x x

O dia de S. João, deste ano da graça, fica-me na memória. Mui-

quase todos a quem contei a desdita. Nem sei se o riso era da minha cara?!... Eu sempre ouvi dizer que a sorte grande e as pernas partidas sucedem só aos outros... E os roubos dos carros, também.

Pois aquela noite fui ficar ao Lar. Como sempre, deixei o Morris à porta, fechado e a chave no meu bolso. Dormi descansado. De manhã, vou pelo carro... mas que é dele?

Pensei muitas possibilidades, duvidei até do meu estado de vigília... e acabei por ir à polícia dar conta do facto. Claro que a polícia está por demais afeita a ladrões para se emocionar com este roubo de que a Casa do Gaiato era vítima! Ouviram-me com muita calma; ainda tive que pagar 5\$00 pela queixa apresentada e até à data em que escrevo (já lá vão oito dias!) nem novas nem mandados do conhecido Morris da Casa do Gaiato! Os senhores fazem o favor de reparar por aí em todos os «Minor» pretos que encontrarem. É o

— Cont. na 4.ª página

Mais, de Viatodos «em sufragio da alma de meu marido, pela passagem do seu aniversário natalício em 30 de Junho». Mais uma mãe que prometeu pelo bom êxito do ano escolar do filho e se desobriga: 500\$. Mais 250\$, — metade do último dinheiro ganho nesta terra antes de partir para Lourenço Marques». E 50\$ por uma graça «por intermédio da alma do Pai Américo». E os 20\$ do costume da assinante 23.744. Outra assinante, «para que eu alcance um lugar no Instituto.»

Agora são coisas bonitas e boas deixadas no Espelho da Moda. É uma hora cheia aquela em que desembulhamos os pacotes que de lá vêm. O

Da que nós necessitamos

que será? O que não será?

Que pena ter-se inventado o dinheiro e as trocas não poderem ser todas em coisas muito mais eloquentes que o dinheiro! Da Alfaiataria Infantil a costurada remessa pelo 58.º aniversário. Deus os guarde e avivente por muitos mais... e aos nossos «batatas» para usarem as roupas bonitas que lhes oferecem. A encomenda veio no sábado. Pois logo no dia seguinte ia sendo a estreia... se a chuva não se intromettesse! Donde concluímos

que a vaidade das Senhoras em apresentar bem os mais pequenitos estava a pedir chuva!

Mais uma promessa: a de entregar o aumento de vencimento: 556\$. Duzentos da assinante 25635 «para o que for mais necessário». Mais uma mãe preocupada com o 5.º ano do seu filho. Nós só temos pena que tantos donativos desta sorte, que a época de exames costuma trazer-nos, representem a inquietação de tantos corações de mãe. Até ao fim da vida elas permanecem a

gerar em dor, os seus filhos!

100\$ do Funchal «para o que necessitarem». O mesmo da Baby, de Lisboa e de «um casal que também tem tido dificuldades, que Deus tem ajudado a solucionar», para aquele Pai de «Uma Carta» publicada uns números atrás. Para alegria deste casal e de muitas outras pessoas, informamos que a casita daquela família vai subindo, pobre, mas suficiente para tantos filhos quantos Deus quiser.

O dobro de uma avó «pela saúde do meu neto». As avós são mães duas vezes! Alda, outra avó a lembrar-se dos netos, com os costumados 70\$. 40\$ da Conceição e mais dez de Bra-

(Cont. na página QUATRO)

Agora

A carta, fui encontrá-la no Lar. Um sobrescrito banal, uma letra conhecida. Dentro isto:

«Por bondade de DEUS para comigo, é com muita satisfação que junto a importância de Esc. 12.000\$, para que mais um lar tenha a sua Casa por intermédio do Património dos Pobres, essa magnífica realização de Pai Américo, que testemunhará, gerações em fora, que a Obra é de JESUS.

É esta a 4.ª Casa e porque se assim for de vontade de DEUS, muito gostaria de assegurar a construção de um Rosário de Casas, agradeço que através de «O Gaiato» me informe se a sua construção continua a ser subsidiada pelo Estado com um terço. A ser assim já teria seis casas para o meu «Rosário» e não quatro.

A Casa seria a construir aonde haja mais necessidade para os Pobres.»

...E, por ass'natura, uma sinalafa.

Tudo delicadeza! Desde o anonimato imprescritível, à coincidência com o pensamento de Pai Américo: «testemunhará, gerações em fora, que a obra é de Jesus»; e à atribuição, justa, deste acto de amor fraterno, ao verdadeiro e único Autor de todo o Bem: «É esta a 4.ª Casa, porque assim foi da vontade de Deus...»; e ainda a liberdade plena que nos deixa: «A casa será a construir onde seja mais necessária para os Pobres». Tudo delicadeza!

Meu senhor, ou minha senhora. Tudo muito certo, menos que o Estado tenha dado alguma vez um terço de cada construção. O Estado tem dado, os últimos anos, uma quantia, que nós vamos dividindo na base média dos 5 contos por casa, a qual chega até onde chega. E acontece até que essas quantias têm diminuído de ano para ano, quase na razão geométrica em que as construções aumentam. Por isso, já vê, que o melhor é não contar com mais ninguém para o seu «Rosário» e ir até onde puder, levando o tempo que tiver de ser, na certeza de que a permanência do seu Amor é o melhor e mais seguro capital da Obra. Pois não é a Obra de Jesus?!

E a procissão prosegue. «Avulsos» — embora alguns, Deus sabe!, devotos de quanta vez — somente: 100\$ do Luso, de uma velha Amiga, das primeiras horas da Obra da Rua; e 445\$, «promessa pelo 1.º aumento duma promoção» do assinante 16508; e uma «telha» «por uma graça recebida»; e 250\$ do «refratário que se actualiza.»

De resto, todas as caras que passam são bem conhecidas de todos.

O do tabaco a menos e os seus 20\$. A Helena com 1000\$, «prestações de Março, Abril, Maio, Junho e Julho.» Regina e duas filhas, 50\$ — prestação de Março. E os Empregados do Grémio de Panificação, do

Porto, com 192\$50.

Com para a Casa dos Carlos e o mesmo para a «daquela família, que uma senhora propõe que se juntem mais 9 pessoas, com 100\$ mensais, para ao fim de um ano se ter a casa paga». É de Sá da Bandeira! Ora vejam onde chegaram os ecos da voz dolorida de Padre Acílio! Façam favor de ler a secção de Setúbal e aí terão notícias de como essa casa está quase a ter o fogo na lazeira.

Agora vão os das «casas a prestações». Antes, porém, um esclarecimento a Anunciação: O «António» e o «Fernando» andam, ou alguém por eles (eu creio que a Mãe!), a juntar para uma casa com este nome. O equívoco do último Agora resulta da falta de um ponto e vírgula. Continue pois o nosso Amigo com o seu «Rosário Pai Américo» e as mesmas disposições aconselhadas ao outro «rosarista», de que se fala no princípio deste artigo.

AQUI, LISBOA!

Vem da página UM

dia e o talhãozito da encosta, delimitado com tábuas e coberto de chapas, são a aspiração única destas oprimidos.

Com responsabilidade e mais ainda com empenho denodado, entidades competentes estabeleceram programa de saneamento desta mancha negra na policromia actual da cidade. E para maior rapidez tudo foi concebido como solução transitória.

Ora, sucede que os homens evoluem. As ideias amadurecem. E o que se pretendia em provisório acaba por emprender-se em definitivo. Afinal, tudo quanto ia ser desmontável dentro em breve subirá para não mais ruir e pôr termo final ao inferno lento e frio de uns e púrgatório tormentoso de outros, os resignados.

Chales de Ordins

— Cont. da 2.ª pág. —

to ausente, torna por três. «Espero que agora no verão mais algumas encomendas farei, para os ajudar um pouco nessa grande obra». O Hospital de Cantanhede, já nosso conhecido, de novo aparece também com dois.

Quem quiser experimentar o calor dos «chales da caridade», escreva um postal para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins e um vale pagável em Paço de Sousa. E, se nos mesmos não esquecer a Casa das Tecedeiras, o Senhor lho pagará.

Padre Aires

Visado pela
Comissão de Censura

Da «Casa de N.ª S.ª da Espectação» dissemos no último Gaiato, em «Uma Carta».

Cá vão mais duas prestações para a «Casa do António e do Fernando», que fica em 2.900\$. Dois mil, de Maio e Junho, para a «Casa Lena e Jorge». Candidinha e seu Pessoal surgem com os habituais 400\$, já 19.ª prestação para a sua casa.

Só menos uma prestação do «Lar de Nazaré» — Plano à mercê de Deus. Os quinhentos respeitante ao mês de Maio, para o «Lar de S. José».

O «do plano decenal», cinquenta — 22.ª prestação — do assinante 6790. O mesmo deixado no Montepio, em Lisboa. Ali, também, 4.000\$ para a «Casa Nossa Paz» e quatro vezes menos para outra casa que alguém deseja oferecer.

O mesmo, «2.ª pedra do Lar Carmo e Carlos» e outro tanto para a «Casa Por Alma dum José». A Maria Emília da «Casa do Senhor dos Passos» fica agora em 7.500\$.

E, finalmente, a Maria Luísa aí vai mais o seu vale, com que «perfaço 2.200\$. E cá continuarei, se Deus quiser».

Até à próxima!

Cantinho

As vezes, um passo falso de um rapaz, ou antes, um estado grave a que um mau passo conduziu, reflete-se em nós e abate-nos também.

Foi assim há dias, quando tivemos de acordar violentamente do torpor, um dos nossos.

A história começa alguns anos atrás e é banal. A frequência de escola nocturna e de companheiros escusados principiou a enredá-lo em malhas confusas — que o mal não se quer com a luz! A sinceridade, aquela abertura simples de quem não tem que esconder, foi murchando pouco a pouco. Não sucederam logo faltas graves, mas, desde o princípio, a dissimulação dessas faltas.

Ele é generoso, amigo de servir... A sua consciência há-de tê-lo torturado e deve ter sentido rebates de gritar: «Acudam! antes que de todo me afunde». Mas foi covarde e, inconscientemente ou não, foi soberbo. Ele mesmo confessa, agora: «A gente pensa que pode sozinho...» E agora, ao menos, deve saber que a nossa fraqueza natural pesa demasiadamente, para que possamos vencer sozinhos. Começou, pois, por pequeninas faltas, que escondeu. Para tapar umas, lançava mão de outras... E as águas que ele próprio ia turvando, para nos não ajeixar ver a realidade, haviam de o tragar.

La longe já quando demos fé. Desde então tem sido uma luta difícil, já não só contra o mal como contra a inconsciência do mal em que ele caiu. Também aqui a história é velha. Quem tem medo da Luz e não ama a Verdade, acomoda a consciência à vida que leva, em vez de sujeitar a vida aos preceitos da Verdade. Águas turvas..., trevas... é o seu meio ambiente. Não mais viu que a vida moral é um bloco uno, como deve ser a quadriga que puxa um carro, para que este deslize veloz e sereno. Um cavalo que se espanta... e o movimento logo se perturba e os outros cavalos perturbam-se também. Nem veloz, nem sereno: A corrida termina em desastre. É assim a vida moral. Uma falta... uma mentira..., arrastam outras faltas, outras mentiras... e tudo se desmorona.

Com ele foi assim. La longe já quando demos fé. E desde então a luta tem sido tão difícil que houve que procurar fazer-lo compreender pela grandeza do remédio a grandeza do mal em que tem permanecido há muito.

Ele é generoso, amigo de servir... Ele reconhece, agora, que não pode só por si: «A gente pensa que pode sozinho...»

Na humildade, no carinho que segue à dureza da prova com que se procurou acordá-lo do torpor — ficamos esperando que ele queira... e a Graça fará o resto.

Porém, a dureza da prova, a longa duração da luta difícil reflete-se em nós, vossos Padres, e abate-nos também. Creio mesmo que é em nós a dor mais intensa do castigo. Meditamos. E afinal, concluímos em optimismo, como é próprio de quem semeia em lágrimas.

A nossa vida é a mais certa das vidas. Vós sois, de qualquer sorte, a nossa glória.

Se a vida de tantos de vós é um sucesso, nós colhemos a alegria do vosso êxito e talvez, na suposição dos homens, alguns merecimentos nele. Se a vida de alguns é um fracasso (e temo-los, vários, por esse mundo além...), os homens não têm pretexto para nos gloriar por vós e em vós. Mas Deus conhece o nosso esforço e a veemência dos nossos desejos e também a nossa amargura. Quem pode pois roubar a nossa glória?!

Portanto, por nós, não temos nada por que nos abatermos diante do êxito ou do fracasso vosso. Mas a verdade é que nenhum de vós passa na nossa vida sem deixar indeléveis laços de parentesco, que vos tornam permanentemente nossos. E por isso, posto por nós não haja razão alguma, o vosso mal reflete-se em nós e abate-nos também.

Que os Padres da Rua considerem, compreendam, sofram e tenham paz!

dos Rapazes

moradias, que vamos admirar brevemente, seriam habitadas por inquilinos capazes e à altura perfeita do bem que se oferta. Aqui fica pois, uma página em branco para as inscrições. Quantas ocasiões de praticar o bem

ali se não deparam! Que nem pai, nem mãe, nem sociedade e muito menos o chá ou a canasta estorvem o sopro do Espírito Santo que depõe em nós o Amor a Deus e ao Próximo.

Padre Baptista

Facetas de uma Vida

As experiências de dois famosos viandantes

subtil, entrava pela janela dentro. Tive ganas de chamar o meu companheiro (1) que dormia num quarto por detrás do meu, ele, também amigo de ver coisas lindas, mas a jornada tinha sido puxadita e na descida dum ladeira de pedras soltas, que por engano subíramos, já noite alta, o meu dito companheiro foi o valente suporte dum malita de mão que levávamos e do rabiscador destas linhas, que não se ageita a andar às escuras.

Na manhã seguinte, por volta das sete horas, entrávamos na igreja do mosteiro, simples, elegante, lavrada em pedra estilo Renascença. No fim da Missa o Rev.º P. Basílio, (2) gostosamente, mostrou-nos os paramentos e outras preciosidades da igreja, que lhe estão confiadas; e logo subimos acima, onde repartiu connosco, generosamente, o pobre conforto da sua casa e a modéstia da sua mesa.

Ia para as duas horas, quando, sob um céu de nuvens carregadas, nos fizemos de proa à Mata do Buçaco, caminhando sempre pelo dorso da serra, onde entramos por volta das sete, pelas portas da Cruz Alta. O Caramulo, a Estrela, a Lousã olhavam-nos ao longe, e, a poente, na orla do horizonte, víamos o enorme cotovelo do Cabo Mondego e um extenso lençol de areia branca onde se perdia o Atlântico. Era precisamente desta banda, que uma brisa forte e salgada nos fustigava as faces, impedindo que as nuvens, então ameaçadoras, se despejassem sobre nós; ainda assim não fomos tão felizes que não tivéssemos de estugar o passo, serra em fora, a procurar abrigo num moinho de vento.

Durante o trajecto, no Telhado, entramos uns momentos em casa do Rev.º P. Marques. (3) Uma capelinha, muito linda, mesmo à beira da estrada, dá a direcção

— Cont. da 1.ª página —

para a simpática vivenda do não menos simpático Prefeito da «Segunda». Subimos ao pátio, entramos no sobrado; houve os cumprimentos e perguntas do estilo e logo o Joaquim foi abaixo, à loja, em cata de qualquer coisita fresca. O Rev.º Prior do Lorvão acompanhara-nos até aqui. Uma bandeja com copos ia passando à roda. O P. Marques explicava, encaunto o Joaquim vasava vinho nos copos, «que o vinhito era o tipo da terra: fraquito mas alegre». Gostei imenso do qualificativo. Na verdade a generosidade do vinho é sem limites—dá toda a sua alegria a quem no bebe.

Houve menino que despejou o seu copo numa assentada. Eu tomei o meu, bati um golo de vinho no céu da boca, à moda dos provadores, e fiz uma cara muito feia. O pai do P. Marques viu a cara, toma o copo, bebe um traço e exclama: «Ora bolas! O vinho é bom, mas é para temperar batatas».

Era vinagre!

O moinho que nos abrigara ficava-nos agora atrás e estávamos ao pé dum outro ponto de referência que trazíamos para encontrar a estrada que nos havia de levar à Cruz Alta. Para as bandas de Coimbra chovia a potes e nuvens negras, pesadas, ameaçadoras, corriam de nascente, em direcção ao mar. O meu companheiro foi pesquisar a estrada enquanto eu fiquei encostado à porta do 2.º moinho e logo lhe ouvi o grito consolador: ei-la! Corriamos agora, a par, o piso fácil da estrada—quem sabe!—talvez escapássemos à chuva. Já se via um pequeno bosque, fora das portas da Mata e eu, de longe, ia escolhendo com a vista entre as árvores, a mais copada de todas para o que desse e viesse... Iamos entrar na Mata; olhamos as nuvens pela derradeira vez e mergu-

lhamos na densidade do arvoredo, perdidos por atalhos e veredas até dar com a avenida que corta a Mata, das portas de Coimbra às da Rainha.

Matamos a sede num fio de água que saía dum fonte; sacudimos a roupa e o chapéu e desceremos ao Luso em procura de ceia. Lá no fundo da avenida, junto às portas do Convento, estava o Raúl (4) encostado a um cedro, como quem espera alguém. Abraçámo-nos efusivamente. Reclamei dele a chave do Convento e logo um guarda da Mata, seco de palavras e maneiras, começou a mostrar o que não conhece nem aprecia.

FREI JUNIPERO

(1)—O companheiro era o António Antunes da Cruz Gomes, mais tarde ordenado, aluno da Universidade de Estrasburgo e professor do Seminário de Coimbra, morto prematuramente em 1948, quando tanto havia a esperar ainda da sua vigorosa e penetrante inteligência e invulgar cultura.

(2)—O Rev.º Padre Basílio da Costa Morgado, ao tempo pároco de Lorvão e hoje exercendo o mesmo múnus na freguesia de Corticeiro, da Diocese de Coimbra.

(3)—O Rev.º Padre Manuel Marques, já falecido em 1955, depois de ter sido professor do Seminário, pároco de S. José de Coimbra, Assafarge e Penacova e Director Espiritual do Seminário de Coimbra.

(4)—O mais tarde Mons. Raúl Duarte Mira, vigário geral da Diocese de Aveiro e presentemente missionário em Moçambique.

(Continua)

Do que nós necessitamos

— Cont. da 2.ª pág. —

ga e «pedimos para que nos ajudem a pedir a Deus trabalho e saúde, para assim podermos fazer face à vida e ajudar aqueles que necessitam».

Que feliz o mundo em que cada um pensasse também nos irmãos que necessitam!

Mais 600\$ de um sufrágio. É de Francelos.

E, para finalizar, duas presenças muito gratas de sectores de trabalho. Uma Fábrica Aveirense de azulejos que uma vez mais nos manda a sua factura da última remessa acompanhada de igual nota de crédito. Que maneira tão delicada de dar... em boa escritu-

Pelas Casas do Gaiato

SETUBAL

—Começo esta crónica de hoje por lembrar aos leitores que não se esqueçam da nossa Conferência. Há já bastante tempo que está quase completamente esquecida. Não sei qual será o motivo. Será por poucas vezes vir a crónica desta casa? Se é essa a razão dou as mãos à palmatória e prometo daqui para o futuro ser mais assíduo em escrever. Ou será talvez por estarmos cá muito para o sul e os leitores do norte terem medo de as cartas se perderem. Se for esse o motivo estejam descansados que tudo cá vem ter. Nós aqui somos muito conhecidos. Portanto não se esqueçam que a Casa do Gaiato de Setúbal também é de Portugal e também foi fundada pelo nosso querido e saudoso Pai Américo.

—Já começaram as dores de barriga cá em casa. Sabem porquê? É que começam as ameixas. É cada barrigada delas que de vez em quando lá anda um a queixar-se da barriga. «Eu já ando à rasquinha», como diz o Casimiro. Até o Snr. Padre Acílio se andou a queixar uns poucos de dias.

—O Snr. Padre Acílio recomendou-me que quando fizesse a crónica não me esquecesse de pedir um harmónio para a nossa capela. E olhem que ele pediu com insistência, portanto lá tem as suas razões. Não o deixam ficar mal, pois não amigos leitores? Se puderem mandar um, assim bem afinado, melhor, pois desafinados já nós andamos todos.

—Ao terminar a época de futebol de 1957-58 não queremos nem podemos deixar de agradecer à Comissão Administrativa do Vitória o ter-nos deixado entrar sempre no seu parque de jogos para assistir a todos os desafios que ali se realizassem. A Ex.ma Comissão o nosso sincero muito obrigado e votos muito sinceros de novos êxitos para o Vitória.

José Roque Crisanto

PAÇO DE SOUSA

—Festejamos cá em casa o S. Pedro. Não foi grande coisa, mas deu muito trabalho à Comissão. O salão de Festas e o Largo, estavam bem enfeitados. Houve um ensaio no nosso salão de festas. Acenderam-se tije-linhas, bombas e destacavam-se os foguetes de lágrimas de dois tostões.

—Desportos:—Recebemos o Peção Atlético Clube, sem dúvida uma boa equipa. Não tivemos sorte. A nossa equipa foi muitas vezes traída pela pouca sorte, não marcando e consentindo golos que eram brindes autênticos. Paciência. São tardes.

Contra o Fábrica Rabor, de Ovar, fizemos uma boa partida e ganhamos merecidamente. Estivemos com 5-3 em desvantagem e num final quase brilhante conseguimos desfazer a diferença por três tentos a nosso favor. Portanto: G. D. da Casa do Gaiato 8 Fábrica Rabor 5.

Também visitamos Godim. Não levamos o nosso time completo. O

ração comercial!

E os Empregados do «Armazém Popular», ali ao pé de S. Bento, lá se organizam e cotizam anualmente e aí vêm com 1.900\$ referentes ao ano que corre.

campo era de dimensões reduzidíssimas e mau piso. As balizas, regulavam com as do que em campo. Era quase um milagre caberem 22 homens naquele terreno que, dum baliza para a outra o terreno tinha um desnível de dois metros. Bem, foi uma brincadeira, mas mesmo assim ficou vincada a categoria dos nossos rapazes.

—Lá estivemos em Amarante. Os senhores animados como tudo! Amarante é assim. A festa foi boa e os «Amigos do Pagode» estiveram em evidência com os seus cantores sinéticos. Os senhores gostaram e nós também! E viva o Reinaldo.

—As pavaos já andam mais animadas. Contentes como tudo. E quem lhes deu essa alegria foi um senhor amigo de Paredes que lhes mandou um companheiro, um pavão. Muito obrigado, por nos ter aumentado a família!

Daniel Borges da Silva

Vistos de Dentro

— Cont. da 2.ª pág. —

DA-23-31. E mal o vejam, telefonem logo a boa nova, por favor!

P. S.

Afinal o carro sempre apareceu. Foi um guarda-nocturno que deu com ele. Chego ao Lar, e o «Bombeiro», de gozão, pergunta-me: «É a polícia devolveu-lhe os 5\$00? Mas que anedota!»

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

O QUE RECEBEMOS. — Da assinante 17740, 20\$00 «em sufrágio da alma de meu marido». Mais 20\$00 de Maria José Sousa, do Sabugal. Mais metade de Amadeu Ribeiro, de Monção. Mais o Bébé n.º 3 com 20\$00 «referentes às minhas quotas de Maio e Junho» e a boa notícia de «que vai, em breve, fazer a sua Comunhão Solene». «Um Amigo» manda a «modéstissima importância» de 20\$00 em «cumprimento de um voto». A. F., do Porto, o costume—30\$00. Adélia F. Oliveira, de Avanca, 15\$00. Mais esta carta com 120\$00: «Vão atrazados por as dificuldades serem muitas. Com a graça de Deus muito se pode alcançar». E, em P. S., acrescenta: «Para a pobre da Conferência do costume, ou, como entenderem, mas sempre pelos mais necessitados». São muitas as dificuldades, mas «com a graça de Deus muito se pode alcançar»; sobretudo, o que todos devemos ambicionar,—o Céu. Os senhores não julguem que «O Gaiato» só a vós faz bem. Não. Nós, aqui, somos os primeiros a saboreá-lo. Estas cartas que a gente recebe, diariamente, cada uma a seu modo, mas todas a dizer o *Mesmo* são, para nós, formidáveis cartilhas de meditação. São, até, a glória do *Famoso*. E vamos continuar: José Faria Matos Viagas, 70\$00, Maria Coelho, do Lohão, 50\$ para um pobre «à vossa vontade». Assinante 4359, 20\$. Na verdade não chegou às nossas mãos a importância do mês passado. É muito natural que fosse recebida, mas se o dinheirinho não vem com a indicação, bem explícita, de que é para a nossa Conferência, às vezes voa para outros lados—pró Barredo, prá Casa, etc. etc. Mais uma migalha: «Os 10\$ que vão são para os pobres da Conferência por alma dum pessoa de minha família que, em vida, tinha grande consolação na leitura do Gaiato». Celeste Conceição Santos, de Setúbal, 10\$00. Assinante 22428 «30\$00 para 3 pobres sendo 10\$00 para cada um, pela intenção dos meus pais e meu marido». E, por fim, 100\$00 de Francisco Biscaia, de Lisboa. E é tudo. Muito? Pouco? É o que Deus manda.

Júlio Mendes